

RITOS DE PASSAGEM EM TURBILHÃO

STEFAN BECHTEL

Cheguei à região das florestas canadenses com meu filho Adam, que acabara de fazer treze anos. Eu estava pronto para alguma coisa extravagante. Se quisesse algo calmo e seguro, teria ficado em casa. "O papel da mãe é ensinar o filho a se afastar do perigo", pensei. Já o pai deve mostrar como chegar um pouco mais perto do limite.

Assim, fomos a uma loja de artigos esportivos em Minnesota e nos equipamos com mapas, barracas, material de pescaria e mantimentos para passar cinco dias na floresta. Pegamos um hidroavião para o Parque Provincial Quetico, em Ontário, dois mil e setecentos quilômetros quadrados de lagos de águas negras e florestas assombradas por lobos, mergulhões e alces, perto da fronteira de Minnesota, a partir da região dos Grandes Lagos.

No posto da ilha Hilly, onde o avião pousou num vale arborizado, pusemos o equipamento numa canoa de alumínio e partimos. Assim que ultrapassamos o primeiro ponto rochoso, estávamos completamente sós. A tarde estava nublada e uma luz cinzenta e difusa coloria as águas inclinadas das cachoeiras. À nossa volta, a margem rochosa tinha uma linha escura de árvores que se estendia na vastidão.

Paramos pela primeira vez depois de algumas horas remando para fazer uma pequena caminhada perto da cachoeira de Brewer, uma queda de uns seis metros, cheia de espuma, que se estendia por quase duzentos metros. Carregamos o equipamento até o alto da cachoeira em duas viagens. Na terceira levamos a canoa.

- Por que não descemos com o barco? - Adam perguntou de repente, quando estávamos no alto da queda-d'água, com a canoa agora vazia.

Deixando de lado momentaneamente a racionalidade, respondi:

- Claro, por que não?

Afinal, não parecia nada terrível - há pouco tempo fizéramos rafting no rio Novo, em West Virginia, e, comparando o rio e a cachoeira, parecia fácil. Adam me lembrou de colocar o colete salva-vidas. Subi na popa, ele na proa e fomos adiante. A água cor de chá puxava o bote.

- Fique na esquerda! - gritei, tentando nos guiar para fora do tumulto espumoso do centro da cachoeira.

- Não, vamos bem para o meio! - Adam gritou de volta.

E assim fizemos.

E foi quando uma queda de quase um metro, não visível da beira, apareceu à nossa frente. Num instante o barco chegou à beira do precipício, balançou de um lado para o outro e virou de cabeça para baixo. Vi Adam voando por cima do barco, o que logo aconteceu comigo. Afundei e subi, bebendo água, mexendo as mãos, tentando segurar em alguma coisa. Com a força da torrente, afundei novamente e fui arrastado para baixo, batendo em pedras submersas. Minhas botas de caminhada, cheias d'água, instantaneamente se tornaram um peso enorme. Num relance, vi o salva-vidas roxo de Adam sendo arrastado para longe de mim.

Adam! - gritei, mas não ouvi a voz dele.

Quando comecei a planejar essa viagem, morrer afogado não era meu maior medo. O maior medo era não termos nada a dizer um ao outro, que Adam logo se cansasse da minha companhia e começasse a querer estar ali com um amigo ou - o que seria pior - com o seu Game Boy.

Quando conversei com ele sobre fazer uma viagem de aventuras para comemorar seus treze anos, Adam me disse que o que queria mesmo era descer e subir o Grand Canyon. Basicamente, queria ter uma boa história para se gabar. Mas eu preferia alguma coisa mais calma e tranquila. Queria lhe mostrar a região das florestas, mas sem ter de provar nada para ninguém. Mas, principalmente, queria me reaproximar de meu filho, que eu parecia ter perdido em meio a discos dos Smashing Pumpkins, Nintendo, bonés enfiados ao contrário na cabeça e tudo o mais. Ele estava passando tão depressa da doce vulnerabilidade da infância para a terrível teimosia da adolescência que eu às vezes imaginava que ia acordar e descobrir que lhe nascera uma enorme barba durante a noite.

Como muitos pais de minha geração, eu também queria que houvesse, na vida de meu filho, alguma comemoração, algum rito que delineasse claramente a passagem da infância para a iminente vida adulta - um acontecimento mais espiritual do que tirar uma carteira de motorista e menos doloroso do que uma circuncisão.

Acertamos em fazer o passeio de canoa. Para meu alívio, as preocupações sobre não ter o que conversar se mostraram absurdas. Na verdade, ele parecia desejar a minha companhia tanto quanto eu desejava a dele. Redescobri, naquele rapaz crescido, o mesmo menino curioso e engraçado de anos atrás.

Remando por aqueles lagos lindos e reluzentes, os dois numa canoa estreita na água escura, fiquei surpreso em descobrir como aquele garoto pesava - já que, para o barco não inclinar, tentava manter o equilíbrio com o lastro dos nossos corpos.

Com uma onda de simpatia, percebi que o corpo daquele menino magrinho estava sofrendo uma violenta investida de testosterona e acumulando massa muscular a cada hora. Também me dei conta de que seus movimentos eram como uma série de explosões cinéticas - ele se balançava abruptamente de um lado para outro, batia na lateral do barco, não remava e, de repente, começava a remar furiosamente. Minha tarefa, concluí, não era reprimir aquela energia excessiva, mas ensiná-lo a equilibrá-la.

No fundo, acho que também pretendi usar a viagem para ter conversas sérias de pai para filho sobre crescer, ter responsabilidades e tudo o mais. Meu texto ensaiado era aborrecido pretensioso.

Todos esses pensamentos tomaram conta de mim em meio ao pânico, enquanto nós dois descíamos pela torrente d'água.

Consegui ver novamente o salva-vidas roxo de Adam e o localizei nadando em minha direção. Então, abruptamente fomos os dois lançados para fora do canal principal e caímos num redemoinho espumante. Surpreso, eu o ouvi rir e gritar: "Que barato, cara!" Eu estava morto de medo, mas ele estava se divertindo a valer.

Finalmente meu pé tocou o fundo e consegui me levantar.

Quando Adam também conseguiu, olhei para ele, que ainda tinha na cabeça o boné ensopado de seu time de basquete, e nós dois começamos a rir e gritar bem alto. A canoa, da qual só víamos as pontas da popa e da proa, de tão cheia d'água, tinha sido levada pelo vale e devia estar a uns duzentos metros dali.

Tivemos de atravessar o canal a nado, nos agarramos depois a um tronco que encontramos e finalmente caminhamos pela floresta para apanhar o barco, bastante avariado.

Só mais tarde percebi que, durante toda a malsucedida aventura, nós dois trocamos de lugar nos papéis de homem e garoto. Meu filho sugeriu a loucura de descer a cachoeira com a canoa, mas aconselhou que eu pusesse o colete salva-vidas. Eu concordei com seu plano nada adequado e depois tentei me comportar como adulto. Meu filho riu o tempo todo durante a descida e eu - exatamente como meu pai - estava morto de preocupação.

Eu estava ensinando Adam a ser um homem, mas, ao mesmo tempo, ele estava me lembrando de que não devia esquecer minha meninice. Ele também estava demonstrando mais uma coisa: que podia, às vezes, ser mais sensato e adulto que eu; que às vezes podia estar certo e eu errado; que alguma parte dele já era adulta. Achei esta revelação reconfortante, mas, ao mesmo tempo, perturbadora. Afinal, é inerente à noção de iniciar meu filho na idade adulta a de que estou transferindo meu papel para ele. Eu estava preparando aquele que ia me substituir. No final, minha ideia original e pretensiosa de levar meu filho para a floresta para se tornar adulto tinha se mostrado um pouco arrogante e simplista demais. Na verdade, eu parecia ter tanto a aprender quanto a ensinar.

Com dificuldade, saímos da água em direção à margem e, por alguns momentos, nos sentimos exultantes e vivos - ensopados, batizados, despertos. Tínhamos vivido juntos uma aventura. Alguma coisa nos acontecera e tínhamos sobrevivido.

A viagem tinha apenas começado.

Quando tiver certeza de que vai começar uma aventura,
limpe o mel do nariz e se ajeite o melhor que puder,
de modo a estar pronto para qualquer coisa que aconteça.

URSINHO PUFF, de A. A. Milne